

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

DEBORAH DA SILVA



Análise da atuação da intérprete na série em formato *reality-show*
Tidying Up with Marie Kondo (*Ordem na Casa com Marie Kondo*)

Uberlândia/MG

2022

DEBORAH DA SILVA

Análise da atuação da intérprete na série em *formato reality-show*
Tidying Up with Marie Kondo (Ordem na Casa com Marie Kondo)

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Igor A. Lourenço da Silva

Coorientadora: Me. Cecília Franco Morais

Uberlândia/MG

2022

DEBORAH DA SILVA

Análise da atuação da intérprete na série em formato *reality-show*
Tidying Up with Marie Kondo (Ordem na Casa com Marie Kondo)

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do
Instituto de Letras e Linguística da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial para
a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Banca de Avaliação:

Prof. Dr. Igor Antônio Lourenço da Silva – UFU
Orientador

Me. Cecília Franco Morais – UFU
Coorientadora

Profa. Dra. Francine de Assis Silveira – UFU
Membro

Profa. Dra. Marileide Dias Esqueda – UFU
Membro

Uberlândia/MG, 23 de março de 2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu sabedoria para chegar ao final do curso e capacidade para escrever esta monografia. Agradeço-Lhe por estar comigo em todos os momentos da minha vida, pois sem Ele não estaria onde estou.

Aos meus pais e à minha irmã, por me apoiarem e me incentivarem em todas as minhas escolhas, principalmente quando decidi cursar Tradução.

Ao meu orientador, professor Igor, e à minha coorientadora, Cecília, por me darem o suporte necessário para desenvolver este trabalho, me incentivarem e me elogiarem a cada reunião que tivemos.

A todos os professores que estiveram em meu caminho ao longo desta jornada. Levarei com profissionalismo e cuidado cada ensinamento passado em sala de aula.

Por fim, ao Fernando, secretário do curso, que me ajudou sempre que precisei.

RESUMO

O trabalho do intérprete consiste em mediar a comunicação entre pessoas que não falam ou não usam a mesma língua. A partir das considerações de Pöchhacker (2004) sobre interpretação, analisa-se, na presente monografia, a atuação de uma intérprete de acompanhamento em produção midiática – especificamente, na série em formato *reality-show* *Tidying Up with Marie Kondo* (*Ordem na Casa com Marie Kondo*). Neste trabalho, a intérprete é vista em tela, junto com os interlocutores, obtendo *status* quase idêntico ao da protagonista (Marie Kondo), algo não explorado nos Estudos da Tradução e Interpretação. A prática da profissional em cenas de determinados episódios do programa é dialogada com a literatura da área dos Estudos da Tradução e Interpretação. As cenas foram selecionadas com base na experiência da autora desta monografia como espectadora do *reality-show* e no seu conhecimento de domínio sobre o tema pesquisado. Observou-se que mais de uma modalidade de interpretação foi acionada no mesmo contexto comunicativo. Identificou-se a presença de características marcantes da função de intérprete, como o uso da primeira pessoa e da comunicação não verbal. Também foi possível verificar que a intérprete realiza atividades atípicas, ou seja, não relacionadas à sua função, como auxiliar a organização de roupas.

Palavras-chave: Interpretação de acompanhamento. Interpretação na mídia. Estudos da Tradução e Interpretação.

ABSTRACT

Interpreters mediate communication between people who do not speak or do not use the same language. Based on Pöchhacker's (2004) definition of interpreting, this senior thesis analyses the performance of an escort interpreter in the media, by focusing on the reality show *Tidying Up with Marie Kondo*. In this senior thesis, the interpreter is on-screen with the participants of the communication and has a similar status to the main character of the show (Marie Kondo), something that is not explored in Translation and Interpreting Studies. It discusses the interpreter's performance in scenes of certain episodes in the light of the Translation and Interpreting Studies literature. Scenes were selected for analysis based on this thesis author's experience as the show's viewer and her domain knowledge about the topic under scrutiny. The analysis shows that more than one mode of interpreting was used in the same communicative context. It identified remarkable characteristics of the interpreter's role were identified, such as the use of sentences in the first person and of non-verbal communication. Besides, the interpreter performs atypical activities, i.e., activities usually not described in an interpreter's job description, such as helping with clothes organization.

Keywords: Escort interpreting. Media interpreting. Translation and Interpreting Studies.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO

Quadro 1 - Objetivos específicos, problemas e pressupostos de pesquisa	10
--	----

FIGURAS

Figura 1 - Exemplo: tomada de notas da intérprete (<i>frame</i> - 25:33).....	19
Figura 2 - Página do caderno de Marie lida	22
Figura 3 - Posição da intérprete em relação aos interlocutores e tomada de notas (<i>frame</i> - 30:51).....	23
Figura 4 - Marie lida interpretando (<i>frame</i> - 30:12).....	23
Figura 5 - Posição da intérprete para a interpretação de diálogo (<i>frame</i> - 18:03).....	25
Figura 6 - Momento de fala do participante (<i>frame</i> - 37:53)	27
Figura 7 - Posição da intérprete em relação à consultora (<i>frame</i> - 38:17)	27
Figura 8 - Interpretação sussurrada (<i>frame</i> - 18:24).....	28
Figura 9 – Intérprete concorda com a interlocutora (<i>frame</i> – 09:41)	30
Figura 10 - Réplica do gesto realizado pela consultora (<i>frame</i> - 33:44).....	31
Figura 11 - Réplica do gesto realizado pela participante (<i>frame</i> - 33:24).....	32
Figura 12 - Intérprete auxiliando na montagem da pilha de roupas (<i>frame</i> - 23:12)..	34
Figura 13 - Montagem da pilha de roupas (<i>frame</i> - 23:02)	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA	11
1.1 O intérprete e a interpretação	11
1.2 Tipos e modalidades de interpretação	12
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	18
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	20
3.1 Marie lida: a intérprete de acompanhamento na mídia	20
3.2 A interpretação consecutiva longa e o <i>voice-over</i>	21
3.3 A interpretação consecutiva curta (interpretação de diálogo)	24
3.4 A interpretação simultânea sussurrada	26
3.5 O uso da primeira pessoa	28
3.6 A comunicação não verbal.....	30
3.7 Atividades atípicas	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objeto de estudo a atuação da intérprete da série *Tidying Up with Marie Kondo* (*Ordem na Casa com Marie Kondo*, no português brasileiro). Trata-se de uma série que, até o momento, possui uma única temporada com oito episódios de aproximadamente 45-50 minutos cada e se apresenta em formato *reality-show*. O programa é original Netflix e estreou no catálogo da plataforma no dia 1º de janeiro de 2019.

O *reality-show*, que se passa na Califórnia, Estados Unidos, é comandado por Marie Kondo (doravante consultora), especialista em organização pessoal, escritora e criadora do método KonMari. Seu método consiste na organização dos objetos pessoais por categorias, tendo em vista manter somente o que trazer alegria para a pessoa. A consultora, ao longo da série, vai à casa de diferentes famílias para ensiná-las a arrumar seus pertences de acordo com seu método de organização.

Marie Kondo é de nacionalidade japonesa e tem pouco domínio da língua inglesa. Por isso, a intérprete Marie lida a acompanha até a casa das famílias. Marie lida atua diante das câmeras junto com Marie Kondo, dando suporte para a consultora, para os participantes e para os espectadores, interpretando nas direções japonês-inglês-japonês.

Devido ao interesse pessoal da autora do presente trabalho pela área dos Estudos da Tradução e Interpretação e pela profissão de intérprete, analisa-se aqui a atuação da intérprete de acompanhamento na mídia, a partir da realidade exposta em um *reality-show*. Toma-se como ponto de partida, nesta análise, que a intérprete possui na série um *status* quase idêntico ao da consultora (a protagonista), pois, para que a comunicação entre os interlocutores seja estabelecida, é necessário que a primeira esteja presente para fazer/ser a “ponte” entre as partes, mediando a comunicação.

A partir de seu objeto de estudo, esta monografia tem como objetivo geral analisar a atuação da intérprete na série em formato *reality-show* *Tidying Up with Marie Kondo* (*Ordem na Casa com Marie Kondo*) e dialogar as cenas de determinados episódios do *reality-show* com a literatura da área dos Estudos da Tradução e Interpretação. Os objetivos específicos, os problemas de pesquisa e os

pressupostos com as possíveis respostas para cada pergunta de pesquisa estão ilustrados no quadro a seguir.

QUADRO 1 - Objetivos específicos, problemas e pressupostos de pesquisa

Objetivo específico	Problema de pesquisa	Pressuposto
Identificar as modalidades de interpretação acionadas pela intérprete no <i>reality-show</i> , dentro do contexto da interpretação de acompanhamento na mídia.	Quais são as modalidades de interpretação acionadas pela intérprete?	Os intérpretes de acompanhamento trabalham em diferentes situações comunicativas e podem acionar a modalidade de interpretação que melhor se adequar ao contexto em que se encontram (SCAPOL, 2016).
Identificar qual pessoa do discurso foi mais empregada na interpretação das falas da consultora.	Qual é o sujeito (1ª ou 3ª pessoa do singular) empregado pela intérprete?	Tanto na interpretação de conferências como na comunitária, recomenda-se que a interpretação seja realizada na primeira pessoa do singular (SETTON; DAWRANT, 2016, RUDIVIN; TOMASSINI, 2011).
Identificar a forma como a comunicação não verbal é utilizada.	Como a intérprete utiliza a comunicação não verbal?	Por estar visível diante dos interlocutores e dos espectadores, a comunicação não verbal do intérprete pode influenciar o processo comunicativo (HORVÁTH, 2012).
Investigar a realização, pela intérprete, de atividades atípicas.	A intérprete realiza atividades atípicas? Se sim, quais são elas?	Scapol (2016) discorre sobre o desvio da função, ou seja, o intérprete deve assegurar que a sua função não se confunda com a do profissional que está acompanhando. No presente trabalho, esse desvio será chamado de “atividade atípica”.

Fonte: a autora (2022).

A presente monografia está estruturada da seguinte forma: o Capítulo 1 apresenta a revisão da literatura, que define os principais conceitos que sustentam as discussões realizadas; o Capítulo 2 descreve, em detalhes, a metodologia utilizada para a escolha das cenas e desenvolvimento das análises; o Capítulo 3 discute e analisa as cenas selecionadas, dialogando com a literatura da área a partir dos conceitos especificados na revisão da literatura; finalmente, as considerações finais dispõem os resultados encontrados neste trabalho e suas limitações.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, define-se o que pode ser chamado de trabalho do intérprete (HORVÁTH, 2012), estabelece-se o conceito de interpretação adotado (PÖCHHACKER, 2004), diferencia-se tradução de interpretação e descrevem-se os tipos e modalidades de interpretação, além do recurso conhecido como *voice-over*.

1.1 O intérprete e a interpretação

O trabalho do intérprete, de acordo com Horváth (2012, p. 38), consiste em “facilitar a comunicação entre indivíduos que não compartilham a mesma língua e cultura”¹. A autora aponta que o intérprete é um mediador da comunicação, visto que não é o autor da fala. Seu papel é expressar a mensagem emitida na língua de partida para a língua de chegada (HORVÁTH, 2012).

Franz Pöchhacker (2004, p. 10) afirma que a interpretação se diferencia de outras atividades tradutórias devido ao seu imediatismo, isto é, o “aqui e agora”. A partir das considerações de Otto Kade (1968 *apud* PÖCHHACKER, 2004, p. 10), a interpretação é definida como “uma forma de Tradução em que o texto de partida é produzido apenas uma vez, sem possibilidade de revisão ou repetição, e o texto de chegada é produzido sob pressão, com poucas chances para correções ou revisões”². Assim, embora a tradução e a interpretação tenham o mesmo objetivo, qual seja, expressar numa língua e cultura um texto produzido em outra língua e cultura, a maneira como ocorre a entrega desse texto final é diferente.

Como dito anteriormente, a interpretação é marcada principalmente pelo seu imediatismo. A fala produzida na língua de partida é utilizada como insumo somente no momento de sua produção, quando já é interpretada para a língua de chegada. O intérprete tem pouca ou nenhuma oportunidade de modificar a própria produção, pois o fluxo de informações é constante e as tomadas de decisões e escolhas são instantâneas. Ademais, o profissional trabalha sob pressão, sem possibilidade de revisar o próprio trabalho e, dependendo do contexto, de consultar materiais de apoio.

¹ Tradução da autora para: “[...] *facilitating communication between individuals who do not share the same language and culture*” (HORVÁTH, 2012, p. 38).

² Tradução da autora para: “[...] *as a form of Translation in which – the source-language text is presented only once and thus cannot be reviewed or replayed, and – the target-language text is produced under time pressure, with little chance for correction and revision*” (PÖCHHACKER, 2004, p. 10).

O trabalho do tradutor também acontece sob pressão e, na maioria das vezes, com prazos apertados. No entanto, a tradução permite que o texto produzido na língua de chegada seja revisado e aprimorado, seja pelo tradutor ou até mesmo por um terceiro. Além disso, o profissional tem à sua disposição material para consulta/apoio para utilizar sempre que necessário. Por fim, a entrega da tradução não é obrigatoriamente imediata, ou seja, tão logo o texto de partida é produzido.

Sendo assim, para este trabalho, pode-se destacar como uma das principais diferenças entre tradução e interpretação o imediatismo, ou seja, enquanto tradutores podem fazer correções e revisões antes de entregarem o texto final para o cliente, os intérpretes precisam realizar a mesma tarefa em tempo real. Em outras palavras, a fala da língua de partida é imediatamente reexpressa na língua de chegada.

1.2 Tipos e modalidades de interpretação

O trabalho do intérprete pode ocorrer em diversos contextos comunicativos, como em conferências, tribunais e em comunidades específicas. Dessa forma, cada contexto representa um tipo de interpretação. Além disso, o intérprete pode atuar acionando diferentes modalidades de interpretação, ou seja, diferentes maneiras de interpretar, como de forma simultânea ou consecutiva. Os tipos de interpretação não estão obrigatoriamente ligados às modalidades, podendo mais de uma modalidade de interpretação ser acionada em um mesmo contexto comunicativo.

A interpretação consecutiva longa, de acordo com Pagura (2003), é a modalidade de interpretação em que o intérprete escuta um trecho da fala – geralmente de cinco a oito minutos – toma notas e reproduz a fala da língua de partida na língua de chegada. Essa modalidade pode ocorrer em eventos, palestras e congressos; na maioria das vezes, porém, acontece em grupos com poucas pessoas e envolve dois idiomas (PAGURA, 2003).

A tomada de notas realizada pelo intérprete na interpretação consecutiva longa não é a transcrição da fala de partida, mas a notação das ideias centrais a serem interpretadas, ou seja, são informações que auxiliarão na recuperação da fala de partida. O profissional faz suas notações utilizando símbolos específicos que o auxiliam na interpretação, além de informações precisas, como nomes próprios, números, estatísticas, lugares, datas e termos técnicos citados pelo interlocutor.

Rudivin e Tomassini (2011) afirmam que a tomada de notas deve ser feita de forma que o intérprete compreenda e tenha rápida recordação da fala para que a mensagem possa ser reproduzida em tempo real. O recomendado é que a notação seja feita na língua que será utilizada para expressar a fala de chegada.

A interpretação consecutiva curta, chamada por Pagura (2003, p. 211) de “interpretação intermitente”, é a interpretação realizada frase por frase. Nessa modalidade, o intérprete escuta uma ou duas frases da fala da língua de partida e logo a(s) reproduz na língua de chegada, não sendo necessária a tomada de notas. De acordo com Setton e Dawrant (2016), é uma modalidade utilizada não só na interpretação de diálogos, como também em monólogos, caso o interlocutor esteja preparado ou se sinta confortável para fazer pausas de duas em duas ou de três em três frases. Além disso, a interpretação é bidirecional, isto é, acontece no sentido dos dois idiomas falados pelos envolvidos na comunicação.

As modalidades de interpretação consecutiva longa e consecutiva curta são as mais utilizadas na interpretação comunitária, “um tipo de interpretação que ocorre entre pessoas que vivem na mesma ‘comunidade’, sociedade ou país, mas não compartilham a mesma língua”³ (HALE, 2015, p. 65). Ela pode ocorrer em hospitais, delegacias e escolas, por exemplo.

A interpretação de diálogo, segundo Mason (2008), é um tipo de interpretação que abrange um grupo de atividades que compartilham uma forma comum de interação, e não determinado cenário em particular. Conforme o autor, isso significa que, enquanto existem os termos “interpretação de conferências” ou “interpretação comunitária”, por exemplo, que definem categorias profissionais ou atividades sociais, a interpretação de diálogo tem foco nas características de uma forma de interação. A interpretação de diálogo pode ser definida a partir de quatro características, quais sejam:

[...] Primeiro, a ID [interpretação de diálogo] envolve **diálogo**, a troca de afirmações e significados bi- ou trilaterais que são a base de uma conversa, em vez de um monólogo, que é a forma mais frequente em interpretações de conferências e de língua de sinais. Isso, por sua vez, envolve o intérprete em interpretação bidirecional, exigindo habilidades comunicativas nas duas línguas e certa facilidade para trocar essas línguas constantemente. Segundo, o que é interpretado, na maioria dos casos, é uma **fala espontânea** e raramente a fala de algo escrito. Terceiro, a ID [interpretação de diálogo] é tipicamente conduzida **face a face**, exigindo que os intérpretes

³ Tradução da autora para: “[...] is the type of interpreting that takes place between people who live in the same ‘community’, society or country but who do not share a common language” (HALE, 2015, p. 65).

gerenciem as trocas e ‘coordenem’ (Wadensjö 1998) a interação entre os participantes. Por fim, a modalidade de interpretação, na maioria das vezes, é a **consecutiva**, expondo o intérprete a maior destaque e escrutínio que no caso da interpretação simultânea.⁴ (MASON, 2008, p. 81, grifos do autor)

A interpretação simultânea é a modalidade em que o intérprete expressa a fala da língua de partida na língua de chegada à medida que ela é proferida pelo interlocutor (DIRIKER, 2015). Embora receba o nome de “interpretação simultânea”, a fala não é transmitida simultaneamente para o receptor, visto que existe um breve intervalo de tempo – uma questão de segundos – para que a fala da língua de partida seja processada para entrega na língua de chegada. Esse espaço de tempo é chamado de *décalage* (PAGURA, 2003) ou *Ear-Voice Span* (GILE, 2009) e, devido a esse tempo necessário, o intérprete simultâneo trabalha duas ou três frases atrás da fala de partida.

Um dos contextos em que a interpretação simultânea acontece é em conferências, como eventos, palestras e congressos. Devido à amplitude das conferências, os intérpretes geralmente trabalham em duplas, posicionados dentro de cabines à prova de som e com equipamento próprio para a interpretação simultânea⁵, que “impede a sobreposição acústica entre a fala de partida, que é ouvida por fones de ouvido, e sua interpretação simultânea verbalizada em um microfone”⁶ (DIRIKER, 2015, p. 383). Quando a sessão de trabalho dura mais que 30 minutos, as duplas (ou equipes) fazem revezamento em turnos de 20 a 30

⁴ Tradução da autora para: “[...] *First, DI involves **dialogue**, the two or three-way exchange of utterances and meanings that are the basis of conversation, rather than monologue, the most frequent mode of conference interpreting and of some sign language interpreting. This fact in turn involves the interpreter in bidirectional translation, requiring active communicative skills in both languages and a facility for constant code switching. Second, what is translated is, in nearly all cases, **spontaneous speech** and only occasionally the speaking of what has been written. Typically too, DI is conducted **face-to-face**, requiring of interpreters that they manage the exchange and ‘coordinate’ (Wadensjö 1998) interaction between participants. Lastly, the mode of interpreting is mostly **consecutive**, exposing the interpreter to greater prominence and scrutiny than is the case for simultaneous interpreting*” (MASON, 2008, p. 81)

⁵ Com o advento da pandemia da COVID-19 no ano de 2020, o ambiente de atuação do intérprete foi modificado devido à necessidade de isolamento social. A já existente interpretação remota (*remote interpreting*) teve o seu uso intensificado. O trabalho do intérprete passou a ser realizado através da utilização de tecnologias que possibilitassem a atuação de forma remota. Os intérpretes simultâneos, por exemplo, saíram da cabine e passaram a atuar em suas casas ou em espaços isolados e com equipamentos adequados disponibilizados pelos contratantes ou por associações de intérpretes, os chamados *hubs*. Essa modalidade recebe o nome de interpretação simultânea remota (*remote simultaneous interpreting* – RSI)

⁶ Tradução da autora: “[...] *that prevents acoustic overlap between the original speech, listened to via headphones, and its simultaneous interpretation spoken into a microphone*” (DIRIKER, 2015, p. 383).

minutos (SETTON; DAWRANT, 2016, p. 17), por ser essa uma tarefa de grande demanda cognitiva.

A interpretação sussurrada (ou cochichada, do francês *chuchotage*) (PAGURA, 2003) também acontece de forma simultânea. Trata-se da modalidade em que o intérprete se posiciona ao lado ou atrás do ouvinte e “sussurra” a fala de chegada. Assim, apenas o não falante da língua de partida ouve a fala na língua de chegada, quase sempre sem a utilização de equipamentos. A interpretação sussurrada pode acontecer em eventos em que os únicos não falantes da língua de partida sejam uma ou duas pessoas.

A interpretação de língua de sinais também pode ocorrer de forma simultânea. Bontempo (2015, p. 112) afirma que “as línguas de sinais são línguas gestuais-visuais”⁷ e aponta que a interpretação geralmente acontece entre uma língua oral e uma língua de sinais, mas também pode ocorrer entre duas línguas de sinais diferentes, visto que as línguas de sinais não são universais e cada uma possui sua gramática e léxico.

Uma particularidade da tradução e interpretação em língua de sinais, em comparação com a interpretação de uma língua oral, diz respeito à visibilidade física do intérprete. Os intérpretes de línguas orais, dependendo do contexto, não precisam estar necessariamente presentes fisicamente diante de seus interlocutores, ao passo que “os intérpretes de sinais precisam *estar visíveis diante do público*” (RODRIGUES, 2018, p. 119, grifo do autor), pois, por se tratar de línguas gestuais-visuais, o texto deve chegar visualmente ao seu receptor.

A tradução/interpretação à prima vista consiste na interpretação, para uma língua oral ou de sinais, de um texto que originalmente está escrito. Essa modalidade também pode ser considerada simultânea, visto que ocorre em tempo real, ou seja, de forma imediata. Entretanto, a modalidade possui natureza híbrida, pois o texto de partida é escrito e o texto de chegada é transmitido de forma oral ou gestual-visual. Essa interpretação pode acontecer em diversos contextos, como em reuniões em que um documento precisa ser lido para a audiência e, nesse caso, interpretado para os não falantes da língua de partida (ČEŇKOVÁ, 2015).

A interpretação de acompanhamento é caracterizada pelo fato de o intérprete acompanhar o seu cliente até o local em que a comunicação ocorrerá,

⁷ Tradução da autora para: “*Signed languages are visual-gestural languages*” (BONTEMPO, 2015, p. 112).

para que aquele seja o mediador entre as partes que não compartilham o mesmo idioma. A interpretação é bidirecional e, segundo Scapol (2016), o contexto de acompanhamento podem ser visitas a fábricas ou passeios turísticos, por exemplo.

A interpretação na mídia, conforme explica Pöchhacker (2010), é a interpretação utilizada principalmente em transmissões em massa e ao vivo, como cerimônias de entrega de prêmios. Nessas transmissões, uma das modalidades de interpretação que pode ser utilizada é a simultânea. Nesse contexto, geralmente o intérprete fica em um “estúdio, distante do lugar em que acontece o evento, sem acesso a informações, a materiais de apoio e ao interlocutor”⁸ (SETTON; DAWRANT, 2016, p. 33).

Apesar de ser mais comum em transmissões ao vivo, a interpretação em contextos midiáticos também ocorre em produções gravadas em estúdio. Nessas produções,

[...] os intérpretes podem estar no *set*, conciliando a interpretação sussurrada para a outra língua com a consecutiva para a língua do programa, ou podem interpretar simultaneamente para as duas direções, trabalhando de outro lugar com o suporte da tela de um monitor.⁹ (PÖCHHACKER, 2010, p. 224)

Após o produto audiovisual ser produzido – tanto as transmissões ao vivo, que ficam gravadas para serem assistidas posteriormente, quanto os programas que têm por finalidade serem gravados – os responsáveis pela edição podem utilizar recursos audiovisuais para o conteúdo chegar da melhor forma ao espectador. Um desses recursos é o *voice-over*. Franco e Araújo (2011) afirmam que termo o *voice-over*, em Tradução Audiovisual, define um tipo de tradução em que há a sobreposição da fala na língua de partida com a fala na língua de chegada. O áudio da fala na língua de partida fica em volume mais baixo, mas audível.

Embora o *voice-over* dê a “ilusão de imediaticidade”¹⁰ (CASTILLO, 2015, p. 287) para o espectador, o recurso não é considerado um tipo ou uma modalidade de interpretação, visto que

a **tradução em *voice-over***, bem como a dublagem, são [*sic*] roteirizadas e gravadas anteriormente à exibição do produto audiovisual, enquanto [...] a

⁸ Tradução da autora para: “[...] *in the local studio, far from the actual event and without access to information, speakers or scripts*” (SETTON; DAWRANT, 2016, p. 33).

⁹ Tradução da autora para: “[...] *interpreters may be “on the set”, combining whispered interpreting into the other language with consecutive into the language of the program, or they may interpret simultaneously in both directions, working in a separate location from a monitor screen*” (PÖCHHACKER, 2010, p. 224).

¹⁰ Tradução da autora para: “[...] *illusion of immediacy* [...]” (CASTILLO, 2015, p. 287).

interpretação consecutiva e/ou simultânea sempre acontece em eventos ao vivo, que por sua vez nem sempre acontecem no meio audiovisual. (FRANCO; ARAÚJO, 2011, p. 13, grifo da autora)

Esta revisão de literatura definiu interpretação e o que pode ser considerado como trabalho do intérprete. Também diferenciou tradução de interpretação e descreveu os tipos e modalidades de interpretação mais comuns, assim como o que caracteriza o *voice-over*. Esses conceitos e descrições são retomados no capítulo de análise dos dados e discussão dos resultados desta monografia.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

Para analisar a atuação da intérprete na série em formato *reality-show* *Tidying Up with Marie Kondo* (*Ordem na Casa com Marie Kondo*), assistiu-se, na íntegra, com áudio em inglês, aos oito episódios da primeira e única temporada da série, disponíveis na plataforma de serviços de *streaming* Netflix.¹¹ Em seguida, procedeu-se à leitura de material bibliográfico da área dos Estudos da Tradução e Interpretação, com ênfase na literatura relacionada à interpretação de acompanhamento e às modalidades de interpretação. Foram também realizados fichamentos e/ou destaques nas partes dos textos consideradas de maior relevância para as análises.

Finalmente, selecionaram-se as cenas a serem analisadas. Essa escolha foi feita buscando-se: primeiro, cenas em que o trabalho da intérprete tenha ficado em destaque, levando-se em consideração o ponto de vista da autora do presente trabalho, uma espectadora da série que possui certo conhecimento de domínio (cf. MORAIS, 2018; PAGANO; DA SILVA, 2008) sobre Estudos da Tradução e Interpretação; segundo, cenas em que se percebeu uma menor ocorrência de cortes e edição, para que fossem analisadas situações em que a interpretação ocorria de forma linear; terceiro, buscando-se cenas sem *voice-over*, para que pudesse ser analisado somente o ato interpretativo; quarto, cenas em que o recurso de *voice-over* foi utilizado, para que seu uso também fosse analisado.

Assim que as cenas foram coletadas, as análises foram realizadas. As atividades da intérprete foram descritas, havendo um diálogo da literatura da área dos Estudos da Tradução e Interpretação com a prática exercida pela profissional. É importante ressaltar que as análises se basearam no que foi percebido em tela, a partir da experiência da autora do presente trabalho como espectadora do programa e pesquisadora em formação na área dos Estudos da Tradução e Interpretação.

Nas cenas descritas, as minutagens inicial e final da cena foram informadas. A plataforma Netflix apresenta a minutagem de suas séries de maneira decrescente, ou seja, o espectador vê, ao iniciar a série, a quantidade total de minutos, que vai decrescendo até chegar a zero ao final do episódio. O presente trabalho apresenta a minutagem das cenas no mesmo formato. Além disso, para

¹¹ A autora deste trabalho ao assistir à série na íntegra já tinha conhecimentos prévios sobre a área, oriundos da disciplina “Fundamentos da Interpretação”, cursada, geralmente, no 6º período do curso.

cada cena analisada, também são informados o nome e o número do episódio em que ela está inserida, tanto em inglês quanto em português brasileiro, assim como a temporada em que o episódio pode ser encontrado. Finalmente, para melhor ilustrar a análise e a descrição, determinadas cenas foram fotografadas pela autora do presente trabalho e inseridas junto à análise. Essas fotos foram invalidadas a partir do acréscimo da marca d'água “para fins de pesquisa” e recoloridas na escala cinza.

Para visualização do processo utilizado, tem-se a Figura 1 como exemplo. Na cena de minutagem 25:58 a 25:22, do episódio 6, intitulado *Breaking Free from a Mountain of Stuff* (Duas crianças, dois bichos e muita bagunça), da primeira temporada da série, observa-se a intérprete posicionada ao lado da consultora, tomando notas.

Figura 1 - Exemplo: tomada de notas da intérprete (*frame* - 25:33)



Fonte: foto produzida pela autora.

O próximo capítulo apresenta a análise dos dados e discussão dos resultados considerados na presente metodologia.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados e discussão dos resultados, constituindo-se de sete seções. Na seção 3.1, caracteriza-se Marie lida como uma intérprete de acompanhamento na mídia. Na seção 3.2, apresentam-se a interpretação consecutiva longa e o uso do recurso de *voice-over*. Na seção 3.3, faz-se a análise da interpretação consecutiva curta utilizada na interpretação de diálogo. Na seção 3.4, analisa-se a interpretação simultânea sussurrada no *reality-show*. Na seção 3.5, discorre-se sobre o uso da primeira pessoa do singular na interpretação das falas da consultora. Na seção 3.6, aborda-se o uso da comunicação não verbal. Na seção 3.7, expõem-se as atividades atípicas realizadas pela intérprete.

3.1 Marie lida: a intérprete de acompanhamento na mídia

Devido à sua presença em tela, a intérprete possui, na série, *status* quase idêntico ao da protagonista – a consultora – visto que, para que a comunicação entre os interlocutores seja estabelecida, a intérprete está presente para ser a mediadora entre as partes. Scapol (2016) define o intérprete de acompanhamento como

o profissional que escolta uma determinada pessoa ou um grupo em inspeções, auditorias, passeios turísticos, jantares de negócios, visitas a fábricas, usinas etc., interpretando em ambas [sic] direções os diálogos estabelecidos entre interlocutores que se comunicam em idiomas distintos. (SCAPOL, 2016, p. 02)

Além disso, Ye (2018) afirma que há algumas diferenças entre a interpretação de conferências e a interpretação de acompanhamento. O autor argumenta que o intérprete de acompanhamento fica próximo de seus interlocutores e realiza a interpretação nas duas direções. Finalmente, o conteúdo a ser interpretado é mais flexível e incerto, já que esse é um tipo de interpretação informal quando comparado ao da interpretação de conferências.

Na série analisada, a intérprete Marie lida acompanha Marie Kondo até a casa dos participantes do *reality-show* e atua em frente às câmeras, ao lado da consultora. Seu trabalho como intérprete é bidirecional, ou seja, a interpretação ocorre nas direções das duas línguas faladas, japonês-inglês-japonês. De acordo com o descrito pela literatura, portanto, Marie lida pode ser considerada uma intérprete de acompanhamento.

Ao longo dos episódios, Marie lida recorre a diferentes modalidades de interpretação para que o texto chegue aos seus receptores. Segundo Scapol (2016, p. 09), “o profissional que se propõe a realizar um serviço de acompanhamento deve estar preparado para utilizar qualquer uma das modalidades de interpretação, a depender das condições disponíveis no momento de sua atuação”. Sendo assim, mais de uma modalidade de interpretação pode ser acionada no mesmo contexto comunicativo. Isso acontece no *reality-show*, como pode ser visto nas análises apresentadas nas próximas seções.

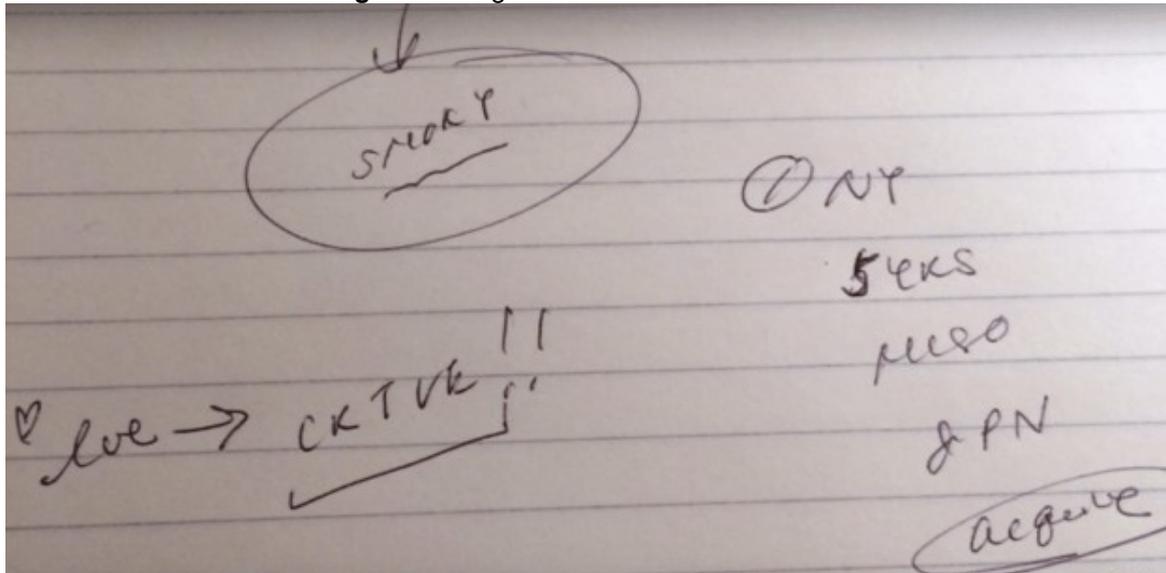
3.2 A interpretação consecutiva longa e o *voice-over*

Conforme Ye (2018), os intérpretes de acompanhamento utilizam quase sempre a interpretação consecutiva, mas é comum vê-los trabalharem sem a tomada de notas, uma vez que a troca dos diálogos é rápida. Na série, considera-se que a intérprete aciona a modalidade de interpretação consecutiva longa com tomada de notas nos momentos em que a consultora explica aos participantes como funciona o seu método de organização, como o seu método funcionará em suas respectivas casas ou quando ela precisa entender as motivações dos participantes para participarem de seu processo de organização, ou seja, quando há pausas menores nas trocas de informações e maior tempo de fala por parte dos interlocutores. Na interpretação consecutiva longa, o intérprete pode escutar até oito minutos de fala enquanto toma notas para posteriormente reexpressar a fala na língua de chegada.

A intérprete carrega consigo, quase o tempo todo, um caderno pequeno e uma caneta, material de apoio que é utilizado para a tomada de notas nos momentos em que a interpretação consecutiva longa será acionada. Na imagem a seguir (Figura 2), encontra-se um exemplo da tomada de notas da intérprete. A imagem é uma página do caderno de Marie lida, que, em uma entrevista concedida ao sítio eletrônico QUARTZ, diz que “sempre tenta anotar palavras-chave para estimular a memória”¹² (IIDA, 2019).

¹² Tradução da autora para: “[...] I always try to write down key words to jog my memory”.

Figura 2 - Página do caderno de Marie Iida



Fonte: Site Quartz.

No entanto, a interpretação consecutiva longa com tomada de notas realizada pela intérprete não é mostrada no *reality-show*. Com a edição, o recurso de *voice-over* é utilizado em situações em que as falas da consultora provavelmente foram interpretadas consecutivamente. Esse recurso possivelmente foi utilizado para dar suporte ao espectador quando a consecutiva longa acontece entre os interlocutores, para que ele também entenda o que foi dito pelos interlocutores.

Para exemplificar, tem-se a cena de minutagem 31:04 a 30:09, do episódio 5, intitulado *From Students to Improvements* (Arrumação nota 10), da primeira temporada do programa. Na cena selecionada, a intérprete está sentada ao lado de Marie Kondo, em frente aos participantes, com o caderno aberto e a caneta em mãos, conforme mostra a Figura 3. Assim que Marie começa a falar, a intérprete se prepara para fazer notações, o que não é mostrado em cena, pois ocorre um corte e a câmera foca nos participantes. Nesse corte, poucos segundos depois que a consultora começa a falar, a voz da intérprete é ouvida sobreposta à voz da consultora, o que pode ser considerado um uso do recurso *voice-over*, visto que o *voice-over* tem por característica a fala de chegada estar sobreposta à fala de partida. A fala da intérprete está sobreposta a de Marie Kondo, mas a fala de Marie pode ser ouvida.

Em seguida, no mesmo episódio, os participantes do *reality-show* respondem. Enquanto eles falam, a câmera mostra a intérprete tomando notas (Figura 3). Novamente, quando é a vez de Marie Kondo falar, a voz da intérprete é

ouvida sobreposta à da consultora, mais uma vez por meio do uso do *voice-over*. Finalmente, os participantes encerram a sua fala, e, logo em seguida, é exibida uma cena em que Marie lida está interpretando, mas o espectador não ouve essa interpretação (Figura 4), pois um dos participantes tece comentários sobre sua vida, sobressaindo apenas a sua voz.

Figura 3 - Posição da intérprete em relação aos interlocutores e tomada de notas (*frame* - 30:51)



Fonte: foto produzida pela autora.

Figura 4 - Marie lida interpretando (*frame* - 30:12)



Fonte: foto produzida pela autora.

Considerando-se o que foi observado e descrito nessa cena, é possível inferir que a interpretação consecutiva longa presente na série não aparece no que é mostrado ao espectador, ou seja, acontece fora das câmeras, apenas para os envolvidos na situação comunicativa. Para o espectador, na maior parte do tempo da cena analisada, é utilizado o recurso de *voice-over* quando a consultora fala.

O *voice-over* é uma modalidade de tradução audiovisual em que, de acordo com Franco e Araújo (2011), tanto a fala na língua de partida quanto a fala na língua de chegada são ouvidas, mas o áudio com a fala na língua de chegada se sobressai ao som com a fala na língua de partida, que está em volume baixo, mas não inaudível. Além disso, o áudio com a fala na língua de chegada começa poucos segundos depois do áudio com a fala na língua de partida e termina quase ao mesmo tempo em que ele. Essas particularidades podem ser observadas na cena destacada, mesmo sendo uma cena curta.

Franco e Araújo (2011, p. 17) também apontam que o *voice-over* é caracterizado por manter “o dono da voz invisível”, ou seja, não se confere visibilidade ao dono da voz que fala por cima do original. Entretanto, no caso da série analisada, é possível saber quem é o dono da voz. Como o espectador ouve a voz da intérprete em vários momentos, é possível identificar que é ela quem fala quando o recurso do *voice-over* é utilizado para traduzir o que é dito por Marie Kondo.

Finalmente, o uso do *voice-over* na série não pode ser considerado interpretação, apesar de dar a “ilusão de imediaticidade” (CASTILLO, 2015, p. 287)¹³. Por ser um recurso pré-gravado e inserido nas cenas após sua gravação, o texto de partida e as escolhas interpretativas feitas no momento da interpretação consecutiva longa (que se infere acontecer no momento da gravação das cenas) podem ser revisadas e modificadas para a produção do *voice-over*.

3.3 A interpretação consecutiva curta (interpretação de diálogo)

A interpretação consecutiva curta é a realizada frase por frase, sem a tomada de notas, pois o intérprete escuta apenas uma ou duas sentenças antes de reexpressar o texto na língua de chegada. A interpretação é bidirecional e, segundo Setton e Dawrant (2016), é utilizada na interpretação de diálogo. A prática dessa

¹³ Tradução da autora para: “[...] *illusion of immediacy* [...]” (CASTILLO, 2015, p. 287).

interpretação pode ser vista da minutagem 18:15 a 17:38, do episódio 1, intitulado *Tidying with Toddlers* (A ordem traz felicidade), da primeira temporada da série.

Na cena, a intérprete está posicionada um pouco atrás de Marie, de forma que fique de frente para o participante do *reality-show*, conforme exhibe a Figura 5. Ela interpreta um diálogo cujo tema é a vida pessoal da consultora (seu aniversário de casamento). A interpretação ocorre tanto para Marie Kondo quanto para o participante, mas, devido a um possível – porém pequeno – corte da cena, a intérprete aparece interpretando apenas para Marie, já que não é exibida a interpretação realizada para o participante.

Figura 5 - Posição da intérprete para a interpretação de diálogo (*frame* - 18:03)



Fonte: foto produzida pela autora.

De acordo com o proposto por Mason (2008), a prática realizada nessa cena, portanto, pode ser considerada uma interpretação consecutiva curta, uma vez que ocorre uma interpretação frase por frase. Além disso, é possível observar que a interpretação do diálogo realizada em cena é bidirecional, sendo japonês-inglês-japonês. Como é um diálogo sobre as vidas pessoais de Marie e do participante, trata-se, aparentemente, de uma conversa espontânea, não roteirizada, pois transmite para o espectador a sensação de naturalidade. Por fim, a interpretação acontece face a face, uma vez que a intérprete está posicionada um pouco atrás de Marie, de frente para o participante, mediando a situação comunicativa.

Sendo assim, a interpretação consecutiva curta, conforme coloca Scapol (2016, p. 16), “é bastante utilizada quando a natureza da situação exige maior dinamismo”, como é o caso da interpretação de diálogo. Essa modalidade é considerada por Pöchhacker (2004, p. 186) como uma interpretação mais vinculada “à dinâmica da relação entre as pessoas do que com o ‘processamento do conteúdo’”¹⁴. Além disso, a interpretação consecutiva curta “é interativa, relativamente natural e a modalidade que menos exige tecnicidades, embora não seja menos cansativa”¹⁵ (SETTON; DAWRANT, 2016, p. 16).

3.4 A interpretação simultânea sussurrada

Na interpretação sussurrada (PAGURA, 2003), uma modalidade de interpretação considerada simultânea, o intérprete posiciona-se ao lado do ouvinte e faz a interpretação em voz baixa, “ao pé do ouvido”, apenas para que determinada pessoa ouça a fala, não sendo necessária a utilização de equipamentos. Isso pode acontecer em eventos em que os únicos não falantes da língua de partida “principal” sejam uma ou duas pessoas (no caso da série analisada, apenas Marie Kondo).

Na cena de minutagem 37:54 a 37:35, do episódio 1, intitulado *Tidying with Toddlers* (A ordem traz felicidade), da primeira temporada da série, a câmera foca em um dos participantes do *reality-show* enquanto ele fala (Figura 6). Ao fundo, é possível escutar a intérprete interpretando para a língua japonesa, próximo a Marie Kondo.

Nesse contexto, percebe-se que a modalidade de interpretação acionada é a interpretação simultânea sussurrada, pois ela acontece apenas para a consultora, de forma simultânea à fala do participante, tendo como língua de partida o inglês e língua de chegada o japonês. Além desses aspectos, antes da minutagem de início da cena analisada, pode-se ver, em tela, que a intérprete está posicionada ao lado da consultora (Figura 7), o que também caracteriza a interpretação sussurrada.

¹⁴ Tradução da autora para: “[...] *have more to do with the dynamics of interpersonal interaction than with ‘content processing’ [...]*” (PÖCHHACKER, 2004, p. 186).

¹⁵ Tradução da autora para: “[...] *it is interactive, relatively natural, and the least technically demanding of the modes, though not necessarily the least tiring*” (SETTON; DAWRANT, 2016, p. 16).

Figura 6 - Momento de fala do participante (*frame* - 37:53)



Fonte: foto produzida pela autora.

Figura 7 - Posição da intérprete em relação à consultora (*frame* - 38:17)



Fonte: foto produzida pela autora.

Na cena de minutagem 18:32 a 18:21, também do episódio 1, da primeira temporada da série, mais uma vez a interpretação simultânea sussurrada é acionada. Nela, o participante está conversando com a consultora e, quando a câmera foca em Marie Kondo, vê-se a intérprete atrás dela, mexendo os lábios e a cabeça, realizando a interpretação (Figura 8). De início, não se ouve sua voz, mas,

quando ocorre o corte da câmera para o participante novamente, é possível ouvi-la, mesmo que bem baixo.

Figura 8 - Interpretação sussurrada (*frame* - 18:24)



Fonte: foto produzida pela autora.

3.5 O uso da primeira pessoa

Conforme se assistiu à série, observou-se que a intérprete utiliza a primeira pessoa para interpretar as falas de Marie da língua japonesa para a língua inglesa. Ao fazer isso, ela procede de acordo com o que afirmam Setton e Dawrant (2016, p. 108), ou seja, segue a diretriz segundo a qual o intérprete “deve falar em primeira pessoa, como se fosse o interlocutor”¹⁶.

No *reality-show*, pode-se exemplificar o uso da primeira pessoa de forma clara na cena analisada no item 3.3 deste trabalho. Nela, ocorre a interpretação do diálogo de Marie Kondo com o participante do programa, um diálogo sobre suas vidas pessoais. Ao falar do DVD do casamento do participante, em certo ponto a consultora conta que também é o dia do seu aniversário de casamento. No texto interpretado para o inglês, a intérprete diz “*Today is my wedding anniversary*” e, posteriormente, conforme o diálogo continua “*He's not with me today*” (transcrição da autora, grifo da autora). O uso da primeira pessoa do singular, segundo Rudivin e Tomassini (2011, n.p.) “evita distorções ao transformar o discurso direto em discurso

¹⁶ Tradução da autora para: “*DO speak in the first person, as if you were the speaker*” (SETTON; DAWRANT, 2016, p. 108)

indireto, por apresentar um enunciado na mesma forma gramatical que a formulação original”¹⁷.

Apesar de ser o mais recomendado pela literatura da área da interpretação de conferências e comunitária (RUDIVIN; TOMASSINI, 2011), há situações em que a interpretação em primeira pessoa pode causar equívocos:

Em alguns casos, dependendo do pronome e da dêixis da língua utilizada, isso [o uso da primeira pessoa] pode confundir os papéis de interlocutor e levar a certa dificuldade em acompanhar quem está falando e quem é o autor da fala, principalmente se a fala estiver confusa ou distorcida.¹⁸
(RUDIVIN; TOMASSINI, 2011, n. p.)

Há um exemplo na série em que a primeira pessoa não é utilizada. Ele aparece na cena da minutagem 10:07 a 09:22, também do episódio 1 da primeira temporada. Nela, os participantes do *reality-show* mostram à consultora um painel de fotos de casamento e, enquanto um deles explica como foram as falas de seus irmãos na cerimônia, a consultora diz algo em japonês para a intérprete. Nessa situação, Marie Kondo fala com a intérprete, não com os interlocutores (Figura 9). A intérprete, então, concorda com a consultora (em cena, pode-se vê-la concordando com a cabeça). Nesse caso, ao interpretar, Marie lida utiliza a terceira pessoa do singular para expressar a fala da consultora em inglês para os participantes do *reality-show*, dizendo “*She loves how (*****) you are*”¹⁹ (transcrição da autora).

¹⁷ Tradução da autora para: “[...] prevents distortions from turning direct statement into reported speech by presenting an utterance in the same grammatical form as the original formulation” (RUDIVIN; TOMASSINI, 2011, n.p.)

¹⁸ Tradução da autora para: “In some cases, depending on the use of pronouns and deixis in whatever language is being used, this may lead to a confusion of speaker roles, and difficulty in keeping track of referencing, of who is speaking and who is the author of the utterance, especially if the utterance is confused or distorted” (RUDIVIN; TOMASSINI, 2011, n. p.).

¹⁹ (*****) O sinal indica que não é possível compreender totalmente a fala da intérprete no momento da transcrição.

Figura 9 – Intérprete concorda com a interlocutora (*frame* – 09:41)



Fonte: foto produzida pela autora.

Nesse caso, a troca do sujeito é necessária para evitar equívocos, visto que se trata da interpretação de uma fala sobre os participantes que foi dita diretamente para a intérprete. Assim, para que os receptores da fala possam saber quem é o autor do que foi dito, pois lida concorda com Marie, a intérprete faz a troca do sujeito. Além disso, pode-se afirmar que a intérprete participou não só como a mediadora da comunicação, mas como interlocutora, ou seja, como autora de uma mensagem, dado que concordou com a consultora em determinado momento da cena.

3.6 A comunicação não verbal

Marie lida, na série, está sempre próxima de seus interlocutores, o que lhe confere mais visibilidade e presença física na situação comunicativa. Isso é uma característica da interpretação de acompanhamento na mídia. Conseqüentemente, sua comunicação não verbal – aqui entendida em relação ao gestual, ou seja, gestos produzidos com as mãos e os braços – é mais importante (HORVÁTH, 2012) que a utilizada por intérpretes simultâneos em uma cabine, por exemplo.

Assim, a comunicação não verbal utilizada pela intérprete na série é importante. Conforme Horváth (2012, p. 51) afirma, “o intérprete deve prestar especial atenção à sua linguagem corporal para não contradizer ou prejudicar seu

comportamento verbal”²⁰. Ressalta-se que, neste trabalho, a comunicação não verbal consiste nos gestos que os interlocutores produzem com as mãos e os braços, gestos esses que a intérprete replica junto com a interpretação das falas dos interlocutores.

Em algumas cenas da série, a intérprete replica os gestos de seus interlocutores para interpretar o que foi dito por eles, o que também faz parte da comunicação. Um exemplo pode ser visto na cena de minutagem 33:54 a 33:20 do episódio 4, intitulado *Sparking Joy After a Loss* (Alegria depois da tristeza), da primeira temporada da série.

Na cena, a intérprete replica os gestos realizados pela consultora. Marie Kondo aponta o dedo para as prateleiras da parte de cima do *closet* da participante e questiona sobre elas (Figura 10), fazendo um movimento circular com o braço. A intérprete, ao interpretar, replica o movimento realizado pela consultora (apontar o dedo para cima) e pode-se observar a participante prestando atenção ao movimento circular que a intérprete faz com o braço.

Figura 10 - Réplica do gesto realizado pela consultora (frame - 33:44)



Fonte: foto produzida pela autora.

Outro exemplo pode ser visto na mesma cena (Figura 11). Dessa vez, a intérprete replica o movimento realizado pela participante do *reality-show* para que

²⁰ Tradução da autora para: “It also implies that they must pay special attention to their body language so that it does not contradict or harm in any way their verbal behaviour” (HORVÁTH, 2012, p. 51).

Marie Kondo compreenda que as calças que estavam em determinada prateleira agora estão localizadas no chão, em um canto do quarto. Na Figura 11, percebe-se que a consultora também aponta para o local em que a intérprete e a participante apontam, o local em que os *jeans* estão localizados, como pode ser visto no corte de câmera na cena seguinte.

Figura 11 - Réplica do gesto realizado pela participante (frame - 33:24)



Fonte: foto produzida pela autora.

Posto isso, assim como a voz da intérprete é a voz de seus interlocutores, nesse caso, o gesto da intérprete é o gesto de seus interlocutores. Replicar os movimentos dos interlocutores faz parte da comunicação, dado que os movimentos realizados pela intérprete influenciam na compreensão, pelos interlocutores, do que foi dito em língua estrangeira. O receptor da fala vê o movimento sendo realizado originalmente e posteriormente replicado junto com a fala interpretada pela profissional.

Horváth (2012, p. 24) afirma que “mensagens não verbais podem substituir, reforçar ou contradizer a mensagem verbal, mas **ambas** são cruciais para a interpretação do texto e para a resposta”²¹ (grifo da autora). Sendo assim, nas cenas destacadas, os gestos replicados pela intérprete são importantes para que os

²¹ Tradução da autora para: “This means that non verbal can replace, reinforce or contradict the verbal message, but both are crucial to the interpretation of the message and the response.” (HORVÁTH, 2012, p. 24).

receptores da mensagem entendam o que está sendo indicado não verbalmente no ato da comunicação.

3.7 Atividades atípicas

Scapol (2016, p. 17), quando se refere a intérpretes de acompanhamento em indústrias, discorre a respeito do desvio da função e coloca que “é muito importante que o intérprete tenha consciência do papel que exerce dentro da empresa, e que se certifique que sua função não se confunda com a função do profissional a quem está acompanhando”. No decorrer da série, em alguns momentos, a intérprete também realiza funções não relacionadas à sua profissão. Entretanto, por ser esse um produto midiático, e devido ao fato de que o presente trabalho analisa o que é visto pelo espectador comum, não por alguém que possua informações detalhadas dos bastidores ou dos acordos fechados com a profissional, essas funções que a intérprete desempenha que vão além da sua função como profissional da interpretação são aqui chamadas de atividades atípicas. Trata-se, portanto, de atividades realizadas pela intérprete que vão além de seu trabalho como mediadora da comunicação.

No *reality-show*, a intérprete ajuda a carregar roupas, livros, caixas e outros objetos. Um exemplo disso pode ser visto na cena de minutagem 23:17 a 22:45, do episódio 2, intitulado *Empty Nesters* (Aposentadoria), da primeira temporada da série. Uma das lições ensinadas por Marie Kondo, a partir de seu método KonMari, é a organização das roupas (*clothing*). Na cena em análise, a consultora instrui os participantes a tirarem todas as roupas de dentro do guarda-roupa/*closet* e a fazerem uma pilha em determinado lugar da casa. A intérprete, como pode ser observada nas figuras Figura 12 e Figura 13, ajuda na montagem dessa pilha.

Figura 12 - Intérprete auxiliando na montagem da pilha de roupas (*frame* - 23:12)



Fonte: foto produzida pela autora.

Figura 13 - Montagem da pilha de roupas (*frame* - 23:02)



Fonte: foto produzida pela autora.

Apesar de esse tipo de ação da intérprete ir além da interpretação, ou seja, constituir uma atividade atípica, no contexto em questão o seu auxílio para a consultora pode se tornar necessário para o andamento do programa. Isso porque se trata de uma série e porque Marie lida está em cena também como uma personagem do *reality-show*. Em entrevista concedida para o episódio 68 do *podcast*

“En Pantuflas”, no tempo 15min30s, a intérprete conta que, além da rotina intensa de três meses de gravação, sendo oito horas por dia, ela “também auxiliou Marie na organização”²².

Outra situação em que se pode considerar a ocorrência de uma atividade atípica é quando a intérprete faz o *voice-over* das falas de Marie Kondo. Conforme colocado no item 3.2, o *voice-over* é uma modalidade de tradução audiovisual, ou seja, um recurso pré-gravado que pode ser modificado, revisado e editado antes de ir para a edição final da série, o que não se configura como interpretação. Nesse sentido, a intérprete ser a voz do da consultora no *voice-over* significa que ela grava o recurso para a edição da série. Esse *voice-over* foi utilizado nos momentos de interpretação consecutiva longa, por exemplo. Sendo assim, novamente, a profissional vai além do seu trabalho como intérprete.

Finalizadas as análises, o próximo capítulo apresenta as considerações finais desta monografia.

²² Tradução da autora para: “[...] I also had to do a bit of tidying to assist Marie [...]” (transcrição da autora)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia teve como objetivo principal analisar a atuação da intérprete na série em formato *reality-show* *Tidying Up with Marie Kondo* (*Ordem na Casa com Marie Kondo*) e dialogar cenas do programa com a literatura da área dos Estudos da Tradução e Interpretação.

Um dos objetivos específicos do trabalho foi identificar as modalidades de interpretação acionadas pela intérprete no contexto da interpretação de acompanhamento na mídia. No âmbito do recorte realizado, foram identificadas três modalidades de interpretação: a interpretação consecutiva longa, a interpretação consecutiva curta – utilizada na interpretação de diálogos – e a interpretação simultânea sussurrada. A literatura relevante da área (SCAPOL, 2016) destaca que o intérprete de acompanhamento pode acionar as modalidades de interpretação que melhor se adequam à situação comunicativa em que os interlocutores estão inseridos, como a intérprete faz no *reality-show* analisado.

Rudivin e Tomassini (2011) e Setton e Dawrant (2016), no que tange à área da interpretação comunitária e de conferências respectivamente, recomendam que o intérprete utilize a primeira pessoa do singular ao reexpressar o texto de partida na língua de chegada. A análise do material selecionado apontou que, apesar de estar em contexto de acompanhamento na mídia, e não comunitário ou de conferências, a interpretação de Marie lida é realizada em primeira pessoa. A terceira pessoa do discurso apenas é utilizada quando a intérprete é uma das interlocutoras, para que não haja equívocos sobre quem é a autora da fala.

Outro objetivo específico do trabalho foi investigar o uso da comunicação não verbal pela intérprete. A análise mostrou que a intérprete da série está visível diante do espectador, contrário ao que ocorre com intérpretes de transmissões de eventos ao vivo, que ficam dispostos em cabines ou estúdios interpretando simultaneamente. Devido a essa visibilidade, ou seja, por estar diante dos interlocutores e dos espectadores da série, concluiu-se que a reexpressão da comunicação não verbal dos interlocutores pela intérprete, ou seja, a réplica dos gestos dos interlocutores por parte da intérprete teve relevância e fez parte da comunicação no *reality-show*.

A análise das cenas selecionadas também apontou que, embora tenha como trabalho principal mediar a comunicação entre pessoas que não falam a

mesma língua, Marie lida também desempenha um papel que vai além disso. A intérprete exerce atividades atípicas, como auxiliar no processo de organização dos objetos em cena, quando necessário, e gravar o áudio do que é dito por Marie Kondo para a utilização do recurso de *voice-over*.

Ao longo da série, percebe-se que a interpretação é mais utilizada na direção inglês-japonês, ou seja, diante das câmeras, vê-se a intérprete exercendo seu trabalho mais para a consultora do que para os outros participantes. Isso pode ser explicado pelo fato de que o público de chegada do programa é falante de língua inglesa e não precisa de interpretação para essa língua.

Durante o estudo, algumas limitações foram encontradas. Uma delas foi localizar, na literatura da área estudada, recomendações ou restrições sobre o uso de primeira pessoa do discurso por intérpretes de acompanhamento, como é recomendado no caso de intérpretes de conferências e comunitários. Sendo assim, a análise realizada foi feita com base no que apontam as teorias referentes à interpretação de conferências e comunitária. Outra limitação consiste na ausência de análise dos gestos produzidos pela própria intérprete, assim como de outras formas de comunicação não verbal, como, por exemplo, o tom de voz utilizado pela profissional.

Sublinha-se que foi realizado um recorte da atuação da intérprete na série, ou seja, buscou-se analisar e discutir cenas que se destacaram quando a autora do presente trabalho assistiu ao programa integralmente. Portanto, é uma análise subjetiva e que pode ser enriquecida por análises feitas por outros pesquisadores que apresentem outros objetivos e até mesmo outros métodos.

Por fim, o presente trabalho contribui para a área dos Estudos da Tradução e Interpretação, ao ir além de uma análise entre determinado par linguístico e dar relevo, de modo geral, à atuação de uma intérprete de acompanhamento na mídia.

REFERÊNCIAS

- 68 – Interpreting for Marie Kondo – Marie lida. Entrevistada: Marie lida. Entrevistadoras: Paola e Marina. S.l.: Spotify, 2019?. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4Gs0L3c4jOedGIITB5drOU?si=7c0082f9a2224aa6>. Acesso em: 03 nov. 2021.
- BONTEMPO, K. Signed Language Interpreting. *In*: MIKKELSON, H.; JOURDENAIS, R. **The Routledge Handbook of Interpreting**. Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2015, p. 112-128.
- CASTILLO, P. Interpreting for the mass media. *In*: MIKKELSON, H.; JOURDENAIS, R. **The Routledge Handbook of Interpreting**. Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2015, p. 280-301.
- ČEŇKOVÁ, I. Sight Interpreting/Translation. *In*: PÖCHHACKER, F. (org.). **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Nova York: Routledge, 2015. p. 374-375.
- DIRIKER, E. Simultaneous Interpreting. *In*: PÖCHHACKER, F. (org.). **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Nova York: Routledge, 2015, p. 382-385.
- FRANCO, E. P. C.; ARAÚJO V. S. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV). **Tradução em Revista**, s.l., v. 11, p. 01-23, 2011/2. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.18884>.
- GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1075/btl.8>.
- HALE, S. B. Community interpreting. *In*: PÖCHHACKER, F. (org.). **Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies**. Nova York: Routledge, 2015, p. 65-69.
- HORVÁTH, I. **Interpreter Behaviour: A Psychological Approach**. Budapeste: Hang Nyelviskola Bt., 2012.
- MASON, I. Dialogue Interpreting. *In*: BAKER, M.; SALDANHA, G. (org.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. 2 ed. Londres: Routledge, 2008. p. 81-84.
- MORAIS, C. F. **The Influence of Domain Knowledge on Simultaneous Interpreting Tasks Performed by Students: An Exploratory Study of the Interpreting Process**. 2018. 84f. Monografia. (Graduação em Tradução) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.
- ORDEM NA CASA COM MARIE KONDO. Direção: Jade Sandberg Wallis. Califórnia, Estados Unidos, 2019. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 16 ago. 2021.
- PAGANO, A. S.; DA SILVA, I. A. L. Domain Knowledge in Translation Task Execution: Insights from Academic Researchers Performing as Translators. *In*: WORLD CONGRESS INTERNATIONAL FEDERATION OF TRANSLATORS, 18., 2008, Shanghai. **Proceedings...** Shanghai: Foreign Language Press, 2008. CD-

ROM. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/333671391_Domain_Knowledge_in_Translation_Task_Execution_An_Analysis_of_Academic_Researchers_Performing_as_Translators. Acesso em: 11 mar. 2022.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, São Paulo, v. 19, p. 209-236, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502003000300013>.

PÖCHHACKER, F. **Introducing Interpreting Studies**. Londres: Routledge, 2004. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203504802>.

PÖCHHACKER, F. Media Interpreting. In: GAMBIER, Y.; DOORSLAER L. V. **Handbook of Translation Studies**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 224-246. DOI: <https://doi.org/10.1075/hts.1.med1>.

QUITO, A. **Marie Kondo's brilliant interpreter is the unsung hero of the KonMari phenomenon**. S.l., jan. 2019. Disponível em: <https://qz.com/quartz/1527584/marie-kondos-interpreter-is-unsung-hero-of-konmari-phenomenon/>. Acesso em: 05 jan. 2022.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v. 1, n. 44, p. 111-129, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i44.1146>.

RUDVIN, M.; TOMASSINI, E. **Interpreting in the Community and Workplace: A Practical Teaching Guide**. 1. ed. Nova York: Macmillan, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1057/9780230307469>.

SCAPOL, E. C. Interpretação de acompanhamento em indústrias – um relato sobre as particularidades da função. In: BOSELLI, Giovana. **Tópicos e contextos em interpretação**. v. 1. Londrina: Interpret2B, 2016, p. 01-22. Disponível em: <https://interpret2b.com/publicacoes>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SETTON, R.; DAWRANT, A. **Conference Interpreting: A Complete Course**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1075/btl.120>.

VÁLÉRIA HELBIG. **Arrumando a casa com Marie Kondo: uma intérprete em ação**. Santos: [s.e], 2019. Disponível em: <http://www.valeriahelbig.com.br/arrumando-a-casa-com-marie-kondo-uma-interprete-em-acao/>. Acesso em: 9 dez. 2021.

WANDESJÖ, C. **Interpreting as Interaction**. Londres/Nova York: Longman, 1998.

WIKIPÉDIA. **Marie Kondo**. S.l., 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Marie_Kondo. Acesso em: 9 dez. 2021.

WIKIPÉDIA. **Ordem na Casa com Marie Kondo**. S.l., 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_na_Casa_co'm_Marie_Kondo. Acesso em: 9 dez. 2021.

YE, J. Escort Interpreters as the Participants of Communication. **Social Science, Education and Human Science**, Xangai, p. 110-114, jul. 2018.
DOI: 10.12783/dtssehs/icssd2018/27375. Disponível em: <http://dpi-proceedings.com/index.php/dtssehs/article/view/27375>. Acesso em: 11 mar. 2022.